



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA

*Reitor*  
Lauro Morhy

*Vice-Reitor*  
Timothy Martin Mulholland

EDITORA  
  
UnB

*Diretor*  
Alexandre Lima

*Conselho Editorial*  
*Presidente*  
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,  
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,  
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



# NOVOS ESTUDOS SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES  
ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL

*(Organizadores)*

EDITORA  
  
UnB

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral  
Aryon Dall'Igna Rodrigues  
Francesc Queixalós  
Marília Facó Soares  
Miriam Lemle

Ruth Maria Fonini Monserrat  
Wolf Dietrich  
Wilmar da Rocha D'Angelis  
Yonne de Freitas Leite

#### Equipe editorial

Supervisão Editorial: Rejane de Meneses

Acompanhamento Editorial: Sonja Cavalcanti

Revisão: Adriana Viana, Dionei Moreira Gomes, Eliete de Jesus Bararú Solano, Poliana Maria Alves

Capa: Jacó Cinta Larga (desenho); Rudá Cabral de Medeiros Barros (desenho); Heonir Valentim (arte-finalização da capa)

Wilmar da Rocha D'Angelis – Coordenador do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas (GTLI), da ANPOLL; Ana Suelly A. C. Cabral – Vice-coordenadora do GTLI

Copyright © 2005 by Aryon Dall'Igna Rodrigues, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
SCS Q. 2 – Bloco C – nº 78 – Ed. OK – 2º andar  
70300-500 Brasília-DF  
tel: (0xx61) 226 6874  
fax: (0xx61) 225 5611  
editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

N945 Novos estudos sobre línguas indígenas / Aryon Dall'Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Organizadores). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2005. 244 p.

1. Línguas indígenas 2. Lingüística. 3. Fonologia. 4. Gramática. I. Rodrigues, Aryon Dall'Igna. II. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 809.8(81)

## Sumário

<b>APRESENTAÇÃO</b>	7
<b>1 NOTÍCIA SOBRE A LÍNGUA PURUBORÁ</b> <i>Ruth Maria Fonini Monserrat</i>	9
<b>2 UNIFICAÇÃO X DIVERSIFICAÇÃO ORTOGRÁFICA: UM DILEMA INDÍGENA OU DE LINGÜISTAS?</b> <i>Wilmar da Rocha D'Angelis</i>	23
<b>3 AS VOGAIS ORAIS DO PROTO-TUPÍ</b> <i>Aryon Dall'Igna Rodrigues</i>	35
<b>4 O DESENVOLVIMENTO DO GERÚNDIO E DO SUBJUNTIVO EM TUPÍ-GUARANÍ</b> <i>Ana Suelly Arruda Câmara Cabral Aryon Dall'Igna Rodrigues</i>	47
<b>5 OS DEMONSTRATIVOS EM SATERÉ-MAWÉ (TUPÍ)</b> <i>Dulce Franceschini</i>	59
<b>6 A EXPRESSÃO DA POSSE EM MARÚBO E MATSÉS (PÁNO)</b> <i>Raquel Costa Carmen Dorigo</i>	69
<b>7 SENTENÇAS INTERROGATIVAS EM PANARÁ</b> <i>Luciana Dourado</i>	85
<b>8 ANÁLISE MORFOLÓGICA DE UM TEXTO KARAJÁ</b> <i>Eduardo Rivail Ribeiro</i>	99

<b>9 A NATUREZA DOS PREFIXOS RELACIONAIS EM GUARANI ANTIGO</b>	129
<i>Daniele Marcelle Grannier</i>	
<b>10 PRONOMES E PREFIXOS PESSOAIS DO GUAJÁ</b>	141
<i>Marina Maria Silva Magalhães</i>	
<b>11 DA REPRESENTAÇÃO DO TEMPO EM TIKUNA</b>	153
<i>Marília Facó Soares</i>	
<b>12 FUNÇÕES SINTÁTICAS NUCLEARES E PERIFÉRICAS EM IKPENG (KARÍB)</b>	169
<i>Frantomé B. Pacheco</i>	
<b>13 POSSE EM KATUKÍNA E VALÊNCIA DOS NOMES</b>	177
<i>Francesc Queixalós</i>	
<b>14 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DOS DÉITICOS PRONOMINAIS EM AGUARUNA (JÍVARO)</b>	203
<i>Angel Corbera Mori</i>	
<b>15 A CONSTRUÇÃO GENITIVA EM CAXINAUÁ (PÁNO)</b>	215
<i>Eliane Camargo</i>	
<b>16 A CATEGORIA 'IDENTIFICATIVO' NA LÍNGUA MYKY</b>	229
<i>Ruth Monserrat</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	241



## APRESENTAÇÃO

*Novos estudos sobre línguas indígenas* concretiza a idéia de estimular a produção científica brasileira na área dos estudos lingüísticos voltados para as línguas nativas da América do Sul, especialmente as línguas indígenas brasileiras, e contribuir para tornar cada vez mais conhecida e reconhecida essa produção.

Neste volume são publicados 16 artigos elaborados a partir de comunicações apresentadas na XVI Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), realizada em junho de 2002, na cidade de Gramado, RS.

Os textos, lidos criticamente por leitores anônimos, foram reajustados por seus respectivos autores. Esses textos consistem em estudos de fonologia, de gramática, de tipologia, de lingüística histórica e de lingüística aplicada sobre línguas das famílias Puruborá, Tupí-Guaraní,\* Mawé, Jê, Karajá, Karíb, Páno, Katukína, Jívaro, Tikúna e Irántxe.

Os autores dos artigos representam várias universidades brasileiras, a saber: Universidade Estadual de Campinas – Corbera e D'Angelis; Universidade Federal do Rio de Janeiro (Faculdade de Letras) – Monserrat; e Museu Nacional – Costa,\*\* Dorigo e Facó Soares); Universidade Federal do Amazonas – Franceschini; Universidade

\* A grafia dos nomes de línguas e povos indígenas, neste livro, segue basicamente a convenção para escritos científicos sobre índios brasileiros aprovada em 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia (*Revista de Antropologia*, vol. 2, nº 2, p. 50-52 e vol. 3, nº 2, p. 125-132).

\*\* A Dra. Raquel Costa, que vinha tornando-se uma das mais destacadas pesquisadoras de línguas da família Páno, faleceu prematuramente em fevereiro de 2004.

<b>9 A NATUREZA DOS PREFIXOS RELACIONAIS EM GUARANI ANTIGO</b>	129
<i>Daniele Marcelle Gramnier</i>	
<b>10 PRONOMES E PREFIXOS PESSOAIS DO GUAJÁ</b>	141
<i>Marina Maria Silva Magalhães</i>	
<b>11 DA REPRESENTAÇÃO DO TEMPO EM TIKUNA</b>	153
<i>Marília Facó Soares</i>	
<b>12 FUNÇÕES SINTÁTICAS NUCLEARES E PERIFÉRICAS EM IKPENG (KARÍB)</b>	169
<i>Frantomé B. Pacheco</i>	
<b>13 POSSE EM KATUKÍNA E VALÊNCIA DOS NOMES</b>	177
<i>Francesc Queixalós</i>	
<b>14 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DOS DÉITICOS PRONOMINAIS EM AGUARUNA (JÍVARO)</b>	203
<i>Angel Corbera Mori</i>	
<b>15 A CONSTRUÇÃO GENITIVA EM CAXINAUÁ (PÁNO)</b>	215
<i>Eliane Camargo</i>	
<b>16 A CATEGORIA 'IDENTIFICATIVO' NA LÍNGUA MYKY</b>	229
<i>Ruth Monserrat</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	241



## APRESENTAÇÃO

*Novos estudos sobre línguas indígenas* concretiza a idéia de estimular a produção científica brasileira na área dos estudos lingüísticos voltados para as línguas nativas da América do Sul, especialmente as línguas indígenas brasileiras, e contribuir para tornar cada vez mais conhecida e reconhecida essa produção.

Neste volume são publicados 16 artigos elaborados a partir de comunicações apresentadas na XVI Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), realizada em junho de 2002, na cidade de Gramado, RS.

Os textos, lidos criticamente por leitores anônimos, foram reajustados por seus respectivos autores. Esses textos consistem em estudos de fonologia, de gramática, de tipologia, de lingüística histórica e de lingüística aplicada sobre línguas das famílias Puruborá, Tupí-Guaraní,\* Mawé, Jê, Karajá, Karíb, Páno, Katukína, Jívaro, Tikúna e Irántxe.

Os autores dos artigos representam várias universidades brasileiras, a saber: Universidade Estadual de Campinas – Corbera e D'Angelis; Universidade Federal do Rio de Janeiro (Faculdade de Letras) – Monserrat; e Museu Nacional – Costa,\*\* Dorigo e Facó Soares); Universidade Federal do Amazonas – Franceschini; Universidade

\* A grafia dos nomes de línguas e povos indígenas, neste livro, segue basicamente a convenção para escritos científicos sobre índios brasileiros aprovada em 1953 pela Associação Brasileira de Antropologia (*Revista de Antropologia*, vol. 2, nº 2, p. 50-52 e vol. 3, nº 2, p. 125-132).

\*\* A Dra. Raquel Costa, que vinha tornando-se uma das mais destacadas pesquisadoras de línguas da família Páno, faleceu prematuramente em fevereiro de 2004.

ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL  
ARYON DALL'IGNA RODRIGUES  
(Organizadores)

de São Paulo – Camargo e Pacheco; Universidade Federal de Goiás – Ribeiro; e Universidade de Brasília – Cabral, Dourado, Grannier, Queixalós e Rodrigues.

Nossos agradecimentos a Henryk Siewierski, diretor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pelo seu inestimável incentivo ao estudo das línguas indígenas brasileiras nesta universidade e pelo estímulo que tem dado para a divulgação de seus resultados.

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

(Organizadores)



1

## NOTÍCIA SOBRE A LÍNGUA PURUBORÁ<sup>1</sup>

*Ruth Maria Fonini Monserrat*

### 0. INTRODUÇÃO

Em 17 de outubro de 2001, pela primeira vez em muitas décadas reuniram-se, num “Encontro de Parentes Puruborá”, cerca de 40 representantes remanescentes desse povo outrora muito maior. O evento, patrocinado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi-RO), ocorreu no sítio de Dona Emília, na rodovia BR-429, a 32 km do município de Seringueira, Rondônia. Os participantes produziram um documento final, reivindicando junto às autoridades competentes uma área no território original puruborá. A convite do Cimi, estive presente no encontro e depois em Costa Marques e Guajará-Mirim, para auxiliar no processo de reivindicação da terra, documentando, na medida do possível, o que ainda pode ser resgatado da língua indígena. O Puru-

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no GT “Línguas Indígenas” da ANPOLL durante seu XVII Encontro, realizado em Gramado/RS, de 24 a 28/06/2002.

borá integra-se ao tronco Tupí como família isolada. Os atuais representantes do povo têm o português como língua materna, mas três deles, dois homens e uma mulher mais idosos, puderam recordar cerca de 200 palavras e expressões diversas, que registrei em cassete e transcrevi foneticamente. A pedido dos jovens, registrei o material coletado também num alfabeto funcional (do ponto de vista do português), para que, no dizer deles, “nós possamos aprender pelo menos alguma coisa da nossa língua antiga”. Apresentarei, nesta notícia, alguns aspectos da estrutura sonora da língua ainda perceptíveis nos dados fornecidos por Emília, Paulo Roberto e Nilo. Mas, antes, convém dar algumas informações sobre o povo e sua história reunidas pelo Cimi-RO:

“Os remanescentes do povo Puruborá, cerca de 200 pessoas desaldeadas, se encontram nos municípios de Seringueiras, São Francisco, Costa Marques, Porto Velho e de Guajará-Mirim. Sua terra tradicional localiza-se na região do rio Manoel Correia, afluente do rio São Miguel. No mapa das Terras Indígenas da Funai em Brasília, a terra dos Puruborá, demarcada pelo Marechal Rondon, não consta nem como “terra a identificar”; para a Funai o povo Puruborá já está extinto. O Marechal Rondon contactou os Puruborá em 1919, deixando-os na região do rio Manoel Correia, afluente do rio São Miguel, aos cuidados de um encarregado do SPI, José Felix do Nascimento, no lugar conhecido como Colônia ou Posto Dois de Maio. No mesmo ano, Rondon demarcou a terra dos Puruborá com marcos de madeira fincados no chão. Em 1925, o doutor Benjamim Rondon, filho do Marechal, reabriu a demarcação. Nos anos que se seguiram ao contato, os Puruborá foram acometidos e muitos dizimados por epidemias de gripe, sarampo, catapora e caxumba. O encarregado José Felix deixou seringueiros nordestinos trabalharem dentro da área. Ele não autorizava a realização de festas tradicionais, mas organizava as festas de brancos durante as quais as moças Puruborá se aproximavam dos seringueiros e depois se juntavam a eles. Ele mesmo entregava para os seringueiros as moças indígenas que eram órfãs. Muitas crianças órfãs, cujos pais tinham sido vítimas das epidemias, foram criadas pelos seringueiros com a ajuda de mulheres Puruborá. Os Puruborá traba-

lhavam para o “patrão” do SPI, cortando seringa em troca de mercadoria.

Depois da morte do Sr. Felix em 1949, eles pediram um novo encarregado para o Posto, mas o SPI se negou, alegando que o povo já era mestiçado. Em função disso, a maioria das famílias saiu para Limoeiro, no rio São Miguel, onde passaram a trabalhar para os seringalistas do local. A família do Paulo Aporeti, entretanto, permaneceu na terra até o ano 1983, quando saiu por motivos de saúde. Profundo conhecedor da mata na região, ele foi contratado para abrir o pique da futura BR 42, que liga Costa Marques a Presidente Médici. Em 1955, a família de dona Emília, irmã de Paulo, voltou para a terra Puruborá no rio Manoel Correia, onde criou seus nove filhos. Em 1994, dona Emília e sua família foram expulsas da terra pela FUNAI porque se encontravam na divisa da Terra Indígena Uru Eu Wau Wau. Passaram então a morar na beira da BR 429, próximo ao rio Manoel Correia, onde sobrevivem até hoje com bastante dificuldade.

Hoje, ainda vivem 11 idosos, todos nascidos no rio Manoel Correia no tempo do SPI. A maioria deles foi criada pelo encarregado do SPI, Félix, porque seus pais faleceram devido às epidemias que assolaram a aldeia Colônia na década de 30. Paulo Aporeti, o mais idoso, com 78 anos, é a memória mais fiel do passado. Ele foi criado com seus pais e começou a ser iniciado como pajé pelo pai e pelo sogro”.

#### 1. BREVE RELATO DO ENCONTRO. APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

O Dr. Gil começa agradecendo a acolhida de Dona Emília: “Hoje está se realizando o sonho de rever os parentes que há muito não se viam. Seria bom que cada um se apresentasse”. Ele conta que veio da França há 19 anos e andou sempre pela região de Guajará-Mirim. No ano passado (2000), em dezembro, saiu com Marcelino e Volmir, em missão do Cimi para encontrar os remanescentes indígenas espalhados de vários povos, para a conquista de um pedaço de terra. Foram a Porto Murtinho e lá ouviram falar da existência de Dona Emília. Indo ao seu sítio, souberam que era Puruborá. Sabiam de

mais alguns Puruborá em Guajará. O resultado do encontro dos Miguelinhos, em Porto Murtinho, foi um documento sobre o povo. Então pensaram em fazer a mesma coisa com os Puruborá. E a Dona Emília queria muito isso. Então foi preparado este encontro aqui, neste lugar, principalmente porque é perto do lugar de onde eles saíram, do rio Manoel Correia. É simbólico, então.

Todos falaram, os mais velhos, os “coroas”, os adultos mais novos e a criançada em peso. Foram ao todo 39 apresentações. Aqui nos interessa principalmente o depoimento dos mais velhos, as primas Emília, Maria Luiza, Bernarda e Esmeraldina. Paulo Roberto, primeiro marido de Bernarda, mora em Costa Marques e veio somente no segundo dia do encontro. Nilo, irmão de Bernarda, que mora em Guajará Mirim, não pôde comparecer, por motivos de saúde. Eis os depoimentos:

*Bernarda:* Nasceu na maloca Pêpê, no Manoel Correia. O pai era João Evangelista do Nascimento. Separou-se do marido (Paulo Roberto) e saiu de lá por volta de 67, indo para Sagarana com quatro filhos.

*Maria Luiza:* O pai era José Tameruã e a mãe, Maria Toyay. Casou-se com um “servengonha”, depois se casou com um velho “que gostava dela” e foi de avião para Guajará. Tem uma filha nascida no Manoel Correia. Dos 11 filhos que teve, 5 estão vivos.

*Emília:* Nasceu por aqui, aqui fez família, teve 12 filhos “de tempo”, 7 ainda vivos. A mãe era Botoí, o pai, pernambucano, Lúcio Nunes de Castro. O padrinho, “pai dos índios”, segundo ela conta e as outras primas confirmam, era o Capitão José Félix do Nascimento. “O Coronel Rondon deixou ele encarregado de cuidar dos índios e não misturar com eles, mas ele mesmo casou com uma ‘cabocla’ e trouxe gente do Nordeste que também se misturou com as ‘caboclas’”. Saíram da área “tirados” pela Funai há uns sete anos. Em 84, a Funai criou a reserva dos Uru-Eu na terra dos Puruborá. Eles ficaram ainda 10 anos em Cigana e aí tiveram de sair de vez da área, com muita tristeza e raiva. Tinham chegado em Cigana em 69. Os filhos todos nasceram aí, toda a vida moraram pelo Manoel Correia, só mudando de colocação.

*Esmeraldina* (conhecida como *Esmeralda*): Nasceu no Manoel Correia, em 1933. Seus pais morreram quando era bem pequena e

quem a criou foi o “Pai dos índios”, Félix do Nascimento, que morreu em 49.

*Paulo* (que veio de Costa Marques só no dia seguinte) conta que seu nome era Aperoy, mas o pai do pai, Adão, o trocou por Aporeti, então ele agora é Paulo Aporeti Filho. Explica também que Puruborá quer dizer “o pessoal da onça”, pois ‘onça’ na língua é *puru*.

## 2. INFORMANTES E CORPUS COLETADO

Paulo, Nilo e Maria Luiza foram os informantes principais, especialmente os dois primeiros. Estivemos com Paulo primeiro em Costa Marques, na noite do encontro, e depois no dia seguinte no sítio de Emília. Dois dias após o encontro, entrevistamos Nilo em seu sítio em Guajará-Mirim; sua irmã Bernarda também estava presente. Entre as mulheres, Maria Luiza era quem mais lembrava da língua, mas também Emília, Bernarda, Esmeralda recordaram alguma coisa. Interessante que as primeiras palavras lembradas por todas as mulheres foram as relativas à genitália feminina e masculina (*ŷamê* e *biborá*, respectivamente). Outras duas foram recordadas por todos, *šimiká* ~ *šimuká* ‘café’, e *šekó* ‘macaco preto’. Do corpus total – 202 ítems –, 55 são termos referentes a animais, 25 a partes do corpo, 25 a parentesco e designativos de seres humanos, 20 a vegetais, 20 a objetos culturais, 18 a fenômenos naturais, 14 ‘adjetivos’, 14 nomes próprios e 11 frases.

### 2.1. VOCABULÁRIO PURUBORÁ-PORTUGUÊS (TRANSCRIÇÃO FONÉTICA)

Informaram: Maria Luiza (M); Paulo Roberto (P); Nilo (N); Esmeralda (E); Bernarda (B); Emília (Em).

#### *Nomes próprios:*

Bako'ε ~ Baka'we ~ Mbaka'we pai de (M)

Tameruã pai de (M)

Miruã'ka mãe de (M)

Toy'ay mãe de (M)

Boto'i mãe de (Em)

Iri'ka

Toi'ka ~ Toy'ka (mulher de José Felix)

Ž'apei'ka (mãe de Bakawé)

Anhēy (mãe de Marta)

Me'rēy (nome de Teresa)

Kamū'nūy (nome de homem)

Šawe'nō irmão de Baka'we

Boya'wa nosso avô

Ape'roy (nome anterior de Paulo, depois Aporéti)

**PARENTESCO E OUTROS DESIGNATIVOS HUMANOS**

a'ši 'avó' (M); a'šipei'ka (?)

a'nā 'mãe'; 'mamãe!' (M) (P) (N)

a'pa 'pai'

be'rua ~ bero'a 'filho'

be'rua me'ruā 'filho pequeno' (M); mbe'rua 'pequeno' (P)

yaki'do 'cunhado(a)' (M); 'tia' (P)

a'nū 'cunhado e primo' (P)

o'wā 'minha irmã' (M); o'wā (N)

o'tay 'minha esposa' (P); o'tay (N)

o'men 'meu marido' (P); o'men (N)

oaβi'tay 'meu marido' (P); 'meu homem' (N)

aβit'ʔay 'homem' (N); apu'tay (E)

pako'yā 'mulher' (P) (N)

pako'ya mu'kā 'mulher preta' (P)

kira'po 'espírito ruim' (M); 'satanás' (P)

wa'bey 'Deus' (P); 'brancos' (N)

a'bap' 'pajé, avô' (P) (N)

a'ši 'pajé' (P)

koče'pay 'canoé' (P)

'ʔon 'eu' (P) (N)

'ʔε n 'você' (P) (N)

ea'nā 'é sua mãe?' (P)

ea'pa 'é seu pai?' (P)

ona'pa 'é meu pai' (P)

ona'ŷā 'é minha mãe' (P)

**ANIMAIS**

še'ko 'macaco preto' (M)

baša'ri 'galinha' (M) (P)

baša'ri a'kap' 'ovo de galinha' (P)

apu'ka 'porco' (M); api'ka (P) (N)

ma'ŷū ~ ma'nūm 'cobra' (M) (P) (N)

ta'ni 'anta' (M) (P); ta'nī (N)

i'di 'veado' (M) (P) (N)

ame'ko 'cachorro' (M) (P)

pu'ru 'onça' (M) (P)

mo'kōy 'gato de casa' (M)

o'bay 'pato' (M)

'ip"bay 'peixe' (M); ip"ʔay (P) (N)

βaora 'macaco prego' (M); βa?o'ra (P) (N)

še'ko 'macaco preto' (M) (N)

'ari'kar 'macaco paracu' (M); 'ari'kare (P) (N)

puru'ši 'jaguarica' (P)

aša'kin 'soim' (M) (N)

atopo'a 'zogue-zogue' (M) (N); ado'poa (P)

a'ži 'guariba' (M) (P) (N)

baša're 'jacaré' (M); ba'ša (P) (N)

šape're 'tatu quinze quilos' (M) (N)

yoro'ko 'tatu canastra' (P) (N)

ya'yo 'tatu rabo de couro' (M) (P) (N)

šipa'ya 'arara' (M) (P)

ari'beu 'jacu' (M) (P); ari'beo (N)

wi'tap' ~ βi'tap' 'mutum' (M) (P)

šo'ap' 'nambu galinha'; šo'ʔap' (P) (N)

po'de 'macuco, nambu azul' (P) (N)

ara'mim 'jacamim' (M)

šara'mim 'papagaio' (P) (N)



šiniro'rap' 'nambu relógio' (P); šiwiro'rap' (N)  
 yaka'pem 'jacupemba' (M) (P)  
 ši aka?ap' 'cujubim' (P)  
 wā'kiyā 'cutia' (M); wa'kiyā (P); wa'kiyā (N)  
 ba'dop' 'rato' (M) (P) (N)  
 ši'pē 'esp. morcego grande' (M) (P)  
 mōrōkōy(a) 'paquinha, esp. besouro' (M) (N)  
 i'yaw (P); i'yaō (N) 'arraia'  
 kokoī ~ koku'i 'gavião' (P) (N)  
 daba'i 'marimbondo' (N)  
 ašu'kur (P) (N) 'tamanduá'  
 šape'kot' (P) 'borboleta'  
 ane'wa (P); hōnewā (N) 'queixada'  
 api'ka 'cateto, porquinho' (P) (N)  
 i'di 'veado capoeiro' (P) (N)  
 wera'zap' (P); wēra'zap' (N) 'veado roxo'  
 wī (P); wīŋ (?) (N) 'saúva'  
 bašu'ka (P) (N) 'gongo'  
 ŋō'kan (P); ŋō'kan (N) 'tucano'  
 pi'ñū (P); pi'ñim (N) 'araçari, esp. tucano'  
 a'šapi'rip'pi'kap' (P) 'araçari'  
 ñambu'ti 'jaboti'  
 wašiparō'ro 'pico de jaca' (P) (N)  
 ma'yū šara'mim 'cobra-papagaio' (P) (N)  
 kot"zap' 'sabiá' (P)  
 tar'kut"kut' 'formiga sacaça' (N)

### PARTES DO CORPO

yā'mē ~ ñā'mē 'genitália feminina' (M) (P) (N)  
 ya'mē pe'tu (?) (E)  
 bibo'ra 'pênis' (M); bibo'ra (P) (N)  
 to'ka 'olho e sol' (M); 'olho' (P)  
 u'ru'ap' 'boca' (M); uru'a (P)

uru'a'bep' 'sobejo da boca' (M); 'lamber (P)  
 a'šā 'cabeça' (M) (P)  
 iñū'ā 'nariz' (M); iñu'ya (P)  
 i'ka 'dente' (M) (P)  
 šape'to 'orelha' (M); šape'ko (P); šape'te (N)  
 a'bapi'tey 'palma da mão' (M); mbapi'te (P)  
 patō'ka 'dedo da mão' (M); batō'ka (P); mbatō'ka (N)  
 ba 'mão' (P)  
 ši'be 'pé' (M) (P)  
 'ši 'sangue, menstruação' (M) (P)  
 taburu'kap' 'saco, testículo' (M) (N)  
 ta'bop' 'rabo' (M); ta'βop' (P)  
 waka'šet' 'bunda' (M) (P) (N)  
 'tap' 'pena' (P); 'cabelo' (N)  
 a'ša'tep' (P) 'cabelo'  
 šurua'ka 'barriga' (N)  
 mōna'ka 'coração'  
 orōpō'pōp' 'veia' (N)  
 bušu'ka 'pescoço' (N)  
 ko'be 'língua' (N)

### NATUREZA

šere're 'água' (M); še're (P);  
 to'kap' 'sol' (P); to'ka (M)  
 na'βop' 'vento' (M); na'wop' (P) (N)  
 'be 'caminho' (N)  
 βere'ya 'lua' (B); βere'ya (Em)  
 buru'a 'pedra' (M); mburu'a (P) (N)  
 tutuku'ñū (P); tutuku'yum (N) 'estrela'  
 i'ya (P) 'igarapé';  
 i'wiy (N) 'rio grande'  
 šere'ba 'igarapé' (N)  
 ka'tey 'mata' (N)

'kara 'relâmpago' (N)  
 nami'sš 'öp' 'fogo' (N)  
 nami'sš 'lenha' (N)  
 a'mən 'chuva' (N)  
 'iy 'terra' (N)  
 wa'ʔip' 'pau' (N)  
 ima<sup>m</sup>'be 'céu' (N)

VEGETAIS

ako'pak' 'algodão' (P) (N)  
 aki'sap' 'buriti' (P)  
 i'kap' 'amendoim' (P); he'ʔe'kap' (N)  
 šaka'kiy 'feijão' (M) (P)  
 hi'wa 'banana' (M) (P) (N)  
 hi'wa a'kap' 'pataua' (P) (N)  
 mam'ka 'castanha' (M) (P); ham'ka ~ am'ka (N)  
 ši'a 'milho' (M) (P) (N)  
 peb<sup>n</sup>'ka 'cará' (P)  
 mīy'ka 'macaxeira, mandioca' (P) (N)  
 ti'ra 'sal' (de aricuri) (P) (N)  
 mənā'ʔap' 'palheira de ouricuri' (N); maña'ok' (P)  
 da'bə 'cipó' (P)  
 maká'rš (P); makš'rš (N) 'mamão'  
 mam'ka'ʔip' (P); ham'ka'ʔip' (N) 'castanheira'  
 ž'upi'kap' ~ yupi'kap' 'pupunha' (P)  
 tara'ka 'babaçu' (P) (N)  
 pe'tə 'fumo' (P) (N)  
 wiri'kap' ~ βiri'kap' 'coco de anajá' (P)  
 šamu'ruim 'cabaça, cuia, pote' (P) (N)

CULTURA

hu'pa 'terçado' (M) (P)  
 hupa'hu 'terçado grande' (M) (P)

hu'pa me'ruā 'faca' (M); hu'pa mbe'ruā (P)  
 wi'ya 'machado' (M) (P)  
 ti'mī 'arco' (P) (N)  
 kuya'be 'flecha' (P) (N); ari'ka (P), hari'ʔa 'flecha de tucum' (N)  
 ši'rap' (P); ši'ra (N) 'paneiro'  
 ya'be (P) 'chapéu'  
 hə'raŋ 'be 'chapéu' (N)  
 ša'be 'roupa' (P) (N)  
 tɔrɔ'be 'prato' (P) (N)  
 ši'ri'ka 'panela' (P) (N)  
 e'ka 'casa, aldeia' (P); ə'ka (N)  
 ani'kap' (P); həni'kap' (N) 'rede'  
 ako'kap' 'fósforo' (N)  
 ta'be 'esteira' (E)  
 be'ʔə'ra 'comida' (B)  
 šimu'kā 'café' (M); ši'mi'ka (P)  
 ši be'bap' (P) 'chicha braba' (feita de milho preto com amendoim; é muito forte)  
 'mīy kaburu'ru 'farinha de mandioca' (N)

"ADJETIVOS"

aya'wat' 'branco' (N)  
 mi'kš 'preto' (N)  
 'wəp' 'vermelho' (N)  
 hə'rop' 'verde' (N)  
 kap'šə 'gostoso' (N)  
 ipe'ku 'curto' (P)  
 ti'wa 'comprido' (P)  
 biri'bi 'sem vergonha' (P)  
 ūa'šek' ~ wa'šek' 'enxerido, metido' (P)  
 wəp' 'encarnado' (P)  
 i'pəy 'molhado' (P)  
 'wit' ~ 'βit' 'seco' (P)

me'ruã 'pequeno' (M); mbe'rua (P)  
 ši'põ 'sujo, melado' (M) (P)

**FRASES**

wakašet' ši'põ 'bunda suja' (M); 'cu melado' (P)  
 oša'be šu'pøy 'minha roupa está molhada' (P)  
 oša'be 'wit' (w ~ β) 'minha roupa está seca' (P)  
 dž'a'ʔo na'se 'vamos trepar' (E)  
 oke'ta 'vou dormir' (M)  
 are'kera'ñã 'boa noite'  
 ó'nã 'não' (P)  
 ã'hã 'sim' (P)  
 'mã'y 'sim' (E)  
 'ʔen 'ma 'não' (E)  
 šomɔ'róm 'morreu'

**INVENTÁRIO DE FONES**

<b>Consonânticos:</b>	p	t	k	ʔ
	b	mb	d	
	m	n		
			š	h
	w	r	y	
<b>Vocálicos:</b>	i	i	u	ĩ
	ẽ	ə	o	ẽ
	ɛ	a	ɔ	ã

Obs.: As oclusivas em posição final de sílaba ou palavra são não explodidas.

**VARIAÇÃO ENTRE OS INFORMANTES**

- b (M) ~ mb (P, N): buruá / mburuá 'pedra'; beruá (M) ~ mberuá (P) 'filho'; batoká (P) ~ mbatoká (N) ~ patoká (M) 'dedo da mão'; imambé (N) 'céu';
- presença de glotal (P, N) ~ ausência (M);
- presença de h inicial (N) ~ ausência (M, P); Maria só realiza glotal em ʔen 'você';
- Bernarda é a única que lembra de 'comida' e a realiza com glotal: beʔorá;
- nasalização forte ~ ausência ou enfraquecimento de nasalização (em alguns itens);
- e ~ ε; o ~ ɔ; Nilo pronuncia ɔ onde os outros fazem o;
- ã ~ ã̃; Nilo é quem mais realiza ə, principalmente antes de consoante nasal;
- i ~ u em três palavras: šimikã/šimukã 'café'; apiká/apuká 'porco'; piñim/piñũ 'araçari (esp. de tucano); nas demais situações, todos realizam i ou u. Paulo produziu as duas formas para 'café', em momentos diferentes;
- β e w antes de vogal: naβóp (M) x nawóp (P, N);
- apenas Nilo realiza h, mas em raras instâncias, como harəŋbé,

Cotejo dos dados Puruborá com os 67 termos da lista de cognatos comparados nas 10 famílias Tupí em Rodrigues (1985): 16 cognatos Puruborá, 5 casos duvidosos, 4 formas não cognatas.

Cotejo dos dados Puruborá com os 42 termos de Bontkes (1968): 29 cognatos; algumas formas diferentes: apíap (Bontkes) 'pescoço', mas bušuká (Monserrat); biadó (B) 'barriga', mas šuruaká (M). Não há nenhum registro de glotal no material de Bontkes.

### 3. CONCLUSÕES PRELIMINARES

- trata-se de língua praticamente extinta, mas, apesar disso, mantêm-se as características fonéticas mais salientes do grupo Tupí em comparação com o português: vogal posterior alta não arredondada, oclusivas finais não explodidas, oclusão glotal, oclusiva bilabial surda pré-nasalizada
- a vogal puruborá a correspondente ao PT **\*\*o** situa o Puruborá mais próximo do JU Juruna, MO e RA Karo, por exemplo, que também têm a, em oposição a AR Karitiana e MU, que têm i, e AW, MA, TG, que têm o.
- a oscilação na realização das vogais médias, entre mais ou menos abertas, pode ser influência do português, assim como o desaparecimento da glotal em Maria Luiza.
- Se se pode falar em maior ou menor aproximação fonética à língua materna original, Maria Luiza é a mais distante, enquanto Paulo e Nilo se equiparam.



## 2

### UNIFICAÇÃO X DIVERSIFICAÇÃO ORTOGRÁFICA: UM DILEMA INDÍGENA OU DE LINGÜISTAS?

*Wilmar da Rocha D'Angelis*

#### 0. INTRODUÇÃO

Entre as recomendações freqüentemente presentes em trabalhos que discutem a definição de ortografias para línguas ágrafas está a da escrita única, ou seja, uma uniformização ortográfica que se sobreponha às diferenças dialetais. No caso brasileiro, das línguas indígenas, aquela recomendação vem reforçada pela preocupação com o caráter minoritário dessas línguas, o que as torna vulneráveis às pressões da língua oficial portuguesa, aconselhando-se, por isso, a escrita única como forma de fortalecimento delas. Essa recomendação vai ganhando unanimidade e, como toda unanimidade, torna-se um novo senso comum. Como todo senso comum, isso se torna uma certeza que dificulta a percepção de situações diferenciadas e, especialmente, impede a percepção de que, em certos casos, a não-unificação (e, portanto, a diversificação ortográfica) pode ser o melhor caminho para o fortalecimento da identidade indígena e, conseqüentemente, das próprias línguas. Este trabalho pretende discutir essas questões a partir de três situações em que seu autor atuou como consultor para definição de ortografias de línguas indígenas: Ashaninka do Amônia (AC),